



Sons e Silêncios (28)

Paixões e paixões...

M. HELENA VIEIRA

Ao quarto dia da oitava da Páscoa dou por mim a pensar no significado da palavra "paixão", nos sentidos que ela assume nos mais variados contextos. Quem não esteve nunca apaixonado, ou apaixonada? Quem não sentiu nunca o coração bater mais depressa na presença de alguém especial, ou à sua lembrança? Cantores e poetas de todas as épocas, e em todos os estilos, traduziram (ou "mudaram", usando a expressão de Herberto Helder) os sentimentos de paixão para a linguagem artística.

Uma das definições mais interessantes de "paixão" que conheço é desenvolvida por Descartes no seu tratado *As Paixões da Alma* (1649). Segundo a linha de sistematização racionalista e laica que caracterizou as suas análises da natureza e do ser humano, Descartes descreveu as paixões como uma espécie de "fluidos" que circulariam dentro de nós, e que poderiam ser activados pela presença (ou ausência) de pessoas (ou coisas) agradáveis (ou desagradáveis). Assim, à vista de um amigo, circularia o fluido da alegria; à lembrança de um inimigo, abrir-se-iam, em cascata, as comportas da ira; face à morte de uma pessoa ama-

da, brotaria o fluido da dor, etc. Trezentos e cinquenta anos mais tarde, não é muito difícil constatar que os modos de os seres humanos sentirem e se relacionarem entre si se continuam a basear, e podem frequentemente ser explicados, na simplista mecânica dos fluidos de tipo cartesiano.

Esta teoria sobre o funcionamento dos sentimentos humanos tinha alguma influência dos príncípios gregos e latinos da retórica e ficou conhecida como a *teoria dos afectos*. A arte e a estética barrocas não podem ser compreendidas senão à luz dessa forma de pensar, a qual (despida, é certo, do seu lado pitoresco cartesiano) se veio a desenvolver no período do Iluminismo e com as correntes positivistas e behavioristas posteriores, até aos nossos dias. Para contemplar uma obra barroca é necessário, portanto, despir a alma de sentimentos complexos ou ambíguos (tão próprios da nossa era), e prepará-la para a vivência sucessiva de estados de espírito de poderosa unicidade. A escultura "O Êxtase de S.ta Teresa" de Bernini (1652) ou as arias (partes de canto solista) de óperas ou oratórias de compositores barrocos como Haendel ou Alessandro Scarlatti (arias cujos títulos traduzem uma espécie de "tipologia de afectos": *aria di lamento*, *aria di furore*, etc.) são exemplos

paradigmáticos de obras nas quais os sentimentos mais profundos (a beatitude, a alegria, a tristeza, a dor) são expressos de uma forma que se poderia quase apelar de "quimicamente pura".

Mas se no período barroco os afectos (aqui entendidos como sentimentos ou *paixões*) eram importantes para a concepção das obras de arte, não são eles a justificação para a denominação de *paixões* atribuída a certas obras musicais. As *paixões* musicais devem o seu nome ao facto de se basearem na história da *Paixão* de Jesus Cristo, do seu sofrimento, agonia e morte, tal como nos relatam os quatro evangelistas. Provavelmente originárias dos dramas litúrgicos medievais, as *paixões* teriam desenvolvido partes musicais cada vez mais relevantes até atingirem, no período barroco (e sob a influência dos recém nascidos géneros da oratória e da ópera) o seu período de apogeu. Nessa altura, a *paixão* confunde-se por vezes com a *oratória*, género que recebe o seu nome da Congregação da Oratória fundada por S. Filipe Nery. A congregação desenvolveu actividades catequéticas, dramáticas e musicais nas salas, ou "oratórios", adjacentes a diversas igrejas romanas, facto que determinou o nome pelo qual ficou conhecida. A principal diferença entre as *paixões* e as

oratórias residia no facto de estas últimas não serem construídas apenas sobre textos bíblicos, e de serem frequentemente escritas em italiano, em vez de latim (*oratória volgare*). Desta forma os padres oratorianos procuravam que a instrução religiosa se tornasse acessível a todo o povo. Quer as *paixões*, quer as *oratórias*, quer, mais tardiamente, as *oratórias-paixão*, constituem uma espécie de "contraponto sacro", da ópera. Musicalmente, a construção é semelhante. Tematicamente, as diferenças cristalizam-se nos pólos sacro e secular. Só a ópera era encenada. As *oratórias* e as *paixões* eram interpretadas sem movimentos cénicos.

Supõe-se que a mais antiga *paixão* inteiramente musicada seja do período renascentista, da autoria de um compositor protestante do século XVI. O género ficou, aliás, particularmente ligado ao culto protestante, sobretudo alemão. Thomas Selle, Johann Sebastiani, Christian Flor, Friedrich Funcke, Thomas Theile, Georg Kühnhäusen e Johann Valentin Meder são importantes compositores setecentistas de *paixões*, no estilo evangélico germânico. Em 1661 Heinrich Schütz escreveu as suas *Histórias dos Sofrimentos e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo* ("Historia des Leidens und Sterbens unser Herrns Jesu Christi"); na semana santa

de 1724 ouvia-se a *Paixão segundo S. João* de J. S. Bach; em 1739 a mais célebre *paixão* musical, a *Paixão segundo S. Mateus*, também de J. S. Bach, é cantada pela primeira vez em Leipzig. As associações entre o nome de J. S. Bach e as *paixões* musicais são de tal maneira fortes, que muitas vezes se corre o risco de circunscrever o género à mão do compositor, descontextualizando-o até da sua evolução histórica.

Na verdade, depois de J. S. Bach, foram pontuais e pouco significativas as composições musicais no género da *paixão*. Contudo, alguns compositores do século XX voltaram a abordar o género: Hugo Distler (*Paixão-Coral* op.7, 1933), Ernst Pepping (*Paixão segundo S. Mateus*, 1960), Daniel Pinkham (*Paixão segundo S. Marcos*, 1965), Penderecki (*Paixão segundo S. Lucas*, 1963-65). Mais conhecido, ficou ainda o musical *Jesus Christ Superstar* (1970) de Andrew Lloyd Webber, obra no estilo pop-rock, que não deixa de manifestar influências musicais dos géneros da *paixão* e da *oratória*, nomeadamente no que diz respeito à alternância de arias, recitativos (partes semi-faladas/semicantadas, que servem para acelerar o processo narrativo) e coros.

Ao leitor que nunca ouviu uma *paixão* musical, recomendo a *Paixão segundo S. João* e a *Paixão segundo S. Mateus* de J. S. Bach. Postas numa época em que

outros compositores se dedicavam principalmente à ópera (como é o caso de Handel e Alessandro Scarlatti, ambos nascidos no mesmo ano de J. S. Bach, 1685), e numa época em que a *teoria dos afectos* subjazia à arquitectura das obras e à tonalidade emocional de cada uma das suas partes, as *paixões* de J. S. Bach representam uma linha bem diversa de pensamento criativo: por um lado, porque se inserem numa tradição musical de polifonia de raiz franco-flamenga (oposta à monodia operática); por outro, porque a riqueza emocional dos textos bíblicos transcende o "imediatismo catalogador" da *teoria dos afectos*: os relatos das palavras de Cristo falam de uma nova "teoria" para a qual os "afectos" (no sentido de *paixões* ou sentimentos imediatos) não são o mais importante, e segundo a qual é melhor "dar a outra face" e "amar os inimigos,, do que responder "olho por olho, dente por dente". Assim também na música de Bach, fidelíssima ao espírito dos textos evangélicos: "Zu aller Zeit/Auch in der größten Niedrigkeit/Verherrlicht worden bist!" (para toda a eternidade/e até na maior das humilhações/Tu triunfas; in *Paixão segundo S. João*, Primeira Parte, N.º 1, Coro).

Sugestões de Concertos

*Quinta-feira, 4 de Abril - BRAGA, Auditório do Parque de Exposições (PEB) 253.616788), 21h30

Ballet de Kiev. *Schevzade* (música de Rimsky-Korsakov) e *Carmen* (música de Bizet).

*Sexta-feira, 5 de Abril - BRAGA, Igreja dos Congregados, 21h30
Coro Gregoriano de Braga, dir. Helder Apóstolo

Sexta-feira, 5 de Abril - V. N. de Cerqueira, Igreja Matriz,

21.30h

Quarteto Lopes-Graça. Haydn. *As Sete Últimas Palavras de Cristo* na Cruz.

*Sábado, 6 de Abril - BRAGA, Salão Nobre do Instituto de Estudos da Criança (Antigo Magistério Primário), 18h30

Recital de Encerramento da *Master Class* de Órgão do Prof. Graham Barber.

Sábado, 6 de Abril - Santa Maria da Feira, Grande Auditório do Europarque, 21h00

Ciclo "Grandes Orquestras Mundiais"/Fundação

Calouste Gulbenkian/Casa da Música

Coro e Orquestra da Ópera de Mannheim, dir. Adam Fischer

W. A. Mozart. *Idomeneo* (ópera em versão de concerto) Domingo, 7 de Abril - Santa Maria da Feira, Europarque, 18.00

Ciclo "Pôr do Sol" Tatiana Anafasieva, violino e João Tiago Magalhães, piano, Bartok, Prokofiev, Martinu; Janacek e Debussy (2.50 eur)

Sexta-feira, 12 e Sábado, 13 de Abril - V. N. de

Famalicao, Casa das Artes (252.371297/8), 21h30

Humperdinck. A Casinha de Chocolate (Hänsel und Gretel).

Ópera Infantil. Orquestra Artave.

*Sábado, 13 de Abril - BRAGA, Sala do Capítulo do Mosteiro de Tibães, 18h00
Nuno Soares, violino 1.º concerto do I Festival Internacional de Jovens Músicos (Abril à Julho)

Sábado, 13 de Abril - Santa Maria da Feira, Grande Auditório do Europarque, 22h00

Orquestra Metropolitana de Lisboa e Orquestra Académica Metropolitana. Dir. Miguel Graça Moura. Lee-Chin Siow, violino Tchaikovsky. Concerto para violino e orquestra em Ré Maior, op. 35 e Sinfonia n.º 4 em Fá menor, op. 36

Domingo, 14 de Abril - Santa Maria da Feira, Foyer do Grande Auditório, 18h00

Ciclo "Pôr do Sol" Bruno Monteiro, violino e Fátima Travanca, piano Tomaso Vitali, Mendelssohn, Richard Strauss, e Ravel

Domingo, 14 de Abril -

Porto, Rivoli (22.3392201), 18h00

Ciclo "Concertos de Domingo" Wagner e o Wagnerianismo

Richard Wagner, Siegfried-Idyll; G. Puccini, Intermezzo de Manon Lescaut; Debussy, Prélude à l'après-midi d'un faune; Mahler, Vorspiel und Isolde Liebestod (Prelúdio e Morte de Isolda, de Tristan und Isolde).

Barítono, Luís Rodrigues e Maestro Aldo Brizzi